

AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL DE CÃES E GATOS E SEU CONCEITO ABRANGENTE

Amanda Gil Rodrigues¹; Ane Pamela Capucci Torres^{2,5}; Gisele Silveira de Mello^{3,5}; Maria Francisca Neves^{4,5*}

¹Graduanda em Medicina Veterinária, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ²Médica Veterinária – FEA; Mestre em Ciências Animal – UNESP; Doutora em Medicina Veterinária Preventiva – UNESP; ³Médica veterinária – UFMS; pós-graduanda em Diagnóstico de Imagem – Qualitas; ⁴Doutora em Patologia Animal – UNESP, ⁵ Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

*autor correspondente: mariafranciscaneves@yahoo.com.br

RESUMO

Atualmente a ciência do bem-estar animal é uma área de grande interesse para toda a sociedade, auxiliando no fortalecimento do comprometimento ético e legal para melhoria da vida dos animais. A avaliação do bem-estar animal é baseada no conceito das cinco necessidades, onde além dessas necessidades, faz-se necessário propor ações corretivas e promover a qualidade de vida dos animais. O objetivo desse trabalho foi fazer uma pesquisa reunindo dados da literatura sobre o bem-estar animal através de livros, artigos científicos e monografias, para mostrar a todos os profissionais da área de medicina veterinária os conceitos de como avaliar o bem-estar de um animal.

PALAVRAS-CHAVE: bem-estar animal; dor; comportamento.

1 INTRODUÇÃO

O bem-estar animal de cães e gatos é um conceito abrangente por somar diversas áreas da medicina veterinária, de modo a trazer uma melhor qualidade de vida aos animais. Segundo a Associação Mundial de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais – WSAVA (2018) o bem-estar de um animal é definido pelo seu pleno estado físico, psicológico, social e ambiental, sendo que cada um desses tópicos se inter-relacionam.

De acordo com Joffily (2013) apud Araujo (2015), a Associação Mundial de Veterinária publicou em 1993 as “cinco liberdades”, nelas os animais devem ser livres de fome e de sede, livres de desconforto físico e de dor, livres de injúrias e doenças, livres de estresse e livres para que expressem seu comportamento natural.

As cinco liberdades foram criadas em 1965 pela *Farm Animal Welfare Council* – FAWC no Reino Unido e em

2006 foram modificadas para as Cinco Necessidades de Bem-estar Animal, as quais compreendem: a necessidade de um ambiente adequado; a necessidade de uma dieta adequada; a necessidade de ser capaz de manifestar os padrões de comportamento normais da espécie; a necessidade de ser alojado adequadamente ou afastado de outros animais; e a necessidade de ser protegido da dor, do sofrimento, de lesão e de doença (WSAVA, 2018). Dessa forma, o conhecimento de todos os aspectos para a melhoria da vida dos animais é de grande interesse para toda a sociedade, auxiliando os médicos veterinários no fortalecimento de medidas éticas e legais para a melhoria de vida de seus pacientes, além da orientação correta de seus tutores para a melhoria da vida de seus pets (CALDERÓN, 2010).

O objetivo desse trabalho é descrever os conceitos de como avaliar o bem-estar de um animal. Realizou-se uma

pesquisa reunindo dados da literatura sobre o bem-estar animal em livros, artigos científicos e monografias,

2 AVALIAÇÃO DO BEM-ESTAR ANIMAL

Classifica-se o bem-estar em três tipos, como inadequado, parcialmente

adequado e adequado, cada um com suas características específicas (Quadro 1; BASTOS, 2018). Da mesma forma, as cinco necessidades de bem-estar são usadas como parâmetro para avaliar o bem-estar de um animal. O Quadro 2 especifica cada uma das cinco necessidades e seus respectivos requisitos (WSAVA, 2018).

Quadro 1. Avaliação do bem-estar dos animais classificada em três níveis.

Níveis de bem-estar	Indicadores de bem-estar
Bem-estar inadequado	Enriquecimento ambiental insuficiente; Espaço inadequado e/ou contato social falho com animais da mesma espécie; Comportamentos anormais; Medo quando perto do tutor.
Bem-estar parcialmente adequado	Enriquecimento ambiental parcialmente satisfatório; Pouca restrição de espaço; Poucos estímulos comportamentais; Ausência de interação tutor-animal; Ausência de passeios (cães).
Bem-estar adequado	Enriquecimento ambiental suficiente; Liberdade de movimento e de execução de grande parte dos comportamentos naturais; Contato social com animais da mesma espécie; Boa interação tutor-animal; Passeios regulares; Ausência de comportamentos anormais; Animal calmo, com aparência feliz.

Fonte: Adaptado de Bastos, 2018.

Quadro 2. Avaliação do bem-estar animal segundo as cinco necessidades.

Cinco necessidades	Descrição das necessidades
Necessidade de um ambiente adequado	-Ter um local para repouso tranquilo -Ter um local adequado para fazer suas necessidades -Ter um espaço amplo para se movimentar e exercitar -Ter um ambiente limpo e higienizado regularmente
Necessidade de dieta adequada	-Deve atender suas necessidades fisiológicas e comportamentais
Necessidade de ser alojado ou afastado de outros animais	-Deve-se avaliar cada animal de acordo com seu grau de socialização, genética e experiência prévia
Necessidade de manifestar padrões de comportamento normais	- Deve ser avaliado de acordo com cada espécie.
Necessidade de ser protegido da dor, sofrimento, lesão e doença.	-Ter ausência de lesões (lacerações, abrasões, etc.). -Ter ausência de doenças infecciosas, parasitárias e outras. - Caso apresente dor, este deve ter uma analgesia adequada.

Fonte: Adaptado de WSAVA (2018).

Outro aspecto importante a ser considerado na avaliação do bem-estar animal é a mensuração da dor, que é subjetiva e multidimensional, devendo ser levado em consideração fatores como o comportamento, onde a observação do tutor e do médico veterinário se torna essencial, a idade, onde animais jovens tendem a vocalizar e ser menos tolerantes a dor que os mais velhos, a raça, onde alguns cães miniatura e de pequeno porte apresentam reação exagerada mediante

a dor e a dor prevista, onde é possível saber sua intensidade mediante o conhecimento da doença ou do problema que está acometendo o animal (MARTINS, FLÔR, 2015). A fim de auxiliar essa avaliação, a Universidade do Colorado criou uma escala para avaliar a dor em cães e gatos. Horta e Fukushima (2014) modificam a escala ao enumerar os níveis de dor (de 0 a 4), sendo que 4 indica o grau máximo de dor (Quadros 3 (cães) e 4 (gatos)).

Quadro 3. Escala de dor em cães segundo a escala de Horta e Fukushima (2014).

Escala	Psicológico e comportamental	Resposta à palpação	Tensão
0	Descansando confortável, feliz e contente, não interfere na ferida, interessado ou curioso sobre o ambiente.	Sem sensibilidade a palpação da ferida ou palpação em qualquer lugar	Mínima
1	Contente ou discretamente inquieto, distrai facilmente pelo ambiente.	Reage a palpação da ferida ou outra parte do corpo, olhando para o local, fugindo ou chorando.	Leve
2	Olha desconfortável quando em repouso, pode chorar, lambeu ou coçar a ferida sozinho, orelhas caídas, expressão facial preocupada, não quer interagir, mas fica olhando ao redor	Foge, chora, protege ou se afasta	Leve a moderada
3	Inquieto, chorando, gemendo, mordendo a ferida sozinho, guarda ou protege a ferida mudando a distribuição de peso do corpo, pode relutar em mover todo ou parte do corpo.	Pode ser sutil (mexe o olho ou aumenta FR), choro agudo, mordida ou tentativa ou fuge	Moderada
4	Gemendo ou gritando constantemente sozinho, pode morder a ferida, mas reluta em se mover, potencialmente não responsivo ao ambiente, dificuldade de se distrair da dor.	Chora a palpação não dolorosa, pode reagir agressivamente à palpação	Moderada a severa

Fonte: Adaptado de Horta e Fukushima, 2014.

Quadro 4. Escala de dor em gatos segundo a escala de Horta e Fukushima (2014).

Escala	Psicológico e Comportamental	Resposta à palpação	Tensão
0	Descansando confortável, contente e calmo sozinho, interessado ou curioso sobre o ambiente.	Sem sensibilidade a palpação da ferida ou palpação em qualquer lugar	Mínima
1	Sinais geralmente sutis e difíceis de detectar no hospital, mas fácil de detectar em casa pelo proprietário (alheio ao ambiente e mudança de hábito), no hospital pode estar contente ou ligeiramente inquieto, menos interessado no ambiente, mas ainda olha para ver o que está acontecendo.	Pode ou não reagir a palpação da ferida	Leve

Continuação do Quadro 2.			
2	Menos responsivo, quer ficar só quieto, perda do brilho nos olhos, fica todo encolhido, olhos parcialmente fechados, pelo mal-cuidado, pode lamber muito uma área dolorida ou irritada	Responde agressivamente a aproximação ou tenta escapar se a área dolorida é palpada, tolera atenção pode até gostar de ser acariciado se a área dolorida for evitada	Leve a moderada
3	Constantemente ronronando, chiando ou miando sofrido sozinho, pode morder a ferida, reluta em se mover sozinho	Ronrona ou chia a palpação de área não dolorida, reage agressivamente a palpação, rejeita fortemente o contato	Moderada
4	Prostrado, Potencialmente não responsivo ao ambiente, com dificuldade para se distrair da dor, receptivo a cuidado (mesmo gatos selvagens serão mais tolerantes)	Pode não responder a palpação, postura rígida para evitar movimento doloroso	Moderada a severa

Fonte: Adaptado de Horta; Fukushima (2014).

Dentro do contexto comportamental não se deve focar apenas em comportamentos anormais aos quais os animais podem produzir, como também comportamentos normais, pois ajuda a identificar melhor o grau de bem-estar (CLARENCE, 1996). De uma maneira geral, é muito importante socializar tanto cães quanto gatos desde filhotes, pois é assim que aconteceria na natureza, suas mães lhes apresentariam as diversas formas de interação desde filhotes, pois quando adultos estariam adaptados ao ambiente, desse modo o tutor deve agir de maneira a auxiliar o animal a se adaptar da melhor forma ao ambiente que o cerca (CLARENCE, 1996).

O período de socialização de um cão vai da terceira semana ao terceiro mês de vida e é um período crucial, pois as experiências vividas nessa fase podem determinar padrões de comportamento futuros e é muito importante para

que o animal possa aprender a conviver com animais da mesma espécie ou de espécies diferentes e, assim se adaptar ao ambiente (SILVEIRA et al., 2016).

Os cães exibem comportamentos sociais importantes relacionados a higiene, conhecidos como *grooming*, onde o animal se lambe, mordisca e coça a pele, hábitos úteis para a limpeza e para diminuir o estresse; o ato de rolar na terra ou em outra superfície também ajudam na limpeza e no relaxamento (FARACO; SOARES, 2013 apud SILVEIRA et al., 2016).

O entendimento da linguagem corporal dos cães, também auxilia na averiguação do bem-estar dos mesmos, como é demonstrado na tabela 1, onde apresenta-se quais partes do corpo do animal devem ser observadas e como estas devem ser avaliadas de acordo com o modo como aquela área anatômica do corpo está sendo apresentada (LIMA et al., 2020)

Tabela 1. Avaliação da linguagem corporal em cães.

Parâmetros	Bem-estar	Estresse ou agressividade
Orelhas	Relaxadas e/ou em alerta	Voltadas para trás ou para baixo
Olhos	Relaxados	Em alerta e/ou indireto
Boca	Aberta relaxada	Fechada rígida
Cabeça	Levantada sem sinal de tensão	Baixa com sinais de tensão
Postura corpórea	Em pé e/ou deitado	Curvada/tensa
Cauda	Relaxada, em pé ou abanando	Tensa e/ou entre as pernas

Fonte: Adaptado de Lima et al. (2020).

Os comportamentos descritos na Tabela 1 podem ser observados nas Figuras 1 e 2, onde pode-se observar a linguagem corporal dos cães baseado na

posição das orelhas, olhos, boca e cauda (DOGLINK, 2014).

Figura 1. Posições das orelhas e olhos dos cães.



Fonte: Extraído de <https://www.doglink.pt/artigos/linguagem-corporal-dos-caes>.

Figura 2. Posições da boca e cauda dos cães.



Fonte: Retirado de <https://www.doglink.pt/artigos/linguagem-corporal-dos-caes>

A comunicação canina pode ser auditiva (FAZZI, 2016), onde o ato de gemer pode indicar uma lamentação ou frustração se o animal está assustado ou se não gosta de alguma coisa, o ato de rosnar pode indicar que o cão está avisando que não gosta de algo se acompanhado de certa postura corporal é indicativo de ataque e o ato de latir pode significar frustração, tédio, que ele está alerta, que quer brincar ou que está estressado (CUNHA, 2021). Além disso, os cães também podem se comunicarem de maneira olfativa, com a demarcação de território pela urina

e fezes, eles se reconhecem através dos cheiros, principalmente nas regiões facial e perianal (FAZZI, 2016).

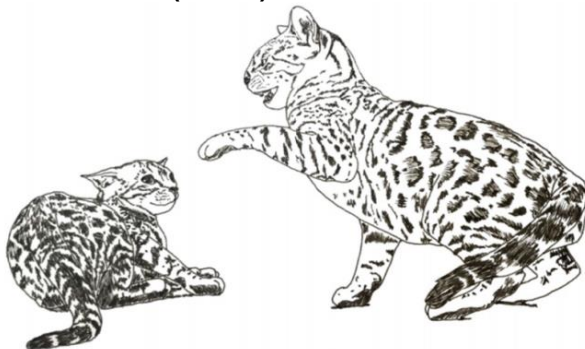
Ao contrário do que se pensa, os gatos podem ter uma variação no seu comportamento social, podendo viver solitários e até em grandes grupos, sendo majoritariamente matriarcais, as fêmeas podem parir juntas para se ajudar e assim como os cães, os gatos se comunicam de maneira visual, olfativa e vocal (CARVALHO; NUNES; MALDONADO, 2016).

Na comunicação olfativa, os gatos são semelhantes aos cães, possuindo

glândulas sebáceas na região perianal, cabeça e entre os dígitos, liberando feromônios e realizando a demarcação territorial ao se esfregar em determinado local, eles também usam essas secreções para reconhecer indivíduos do mesmo ambiente e de ambiente diferentes, além de também usarem a urina e as fezes para essa finalidade (CARVALHO; NUNES; MALDONADO, 2016). Além disso, também usam o ato de arranhar para dispersar as secreções das glândulas interdigitais no ambiente e para ajudar no desgaste das unhas (GOMES, 2019).

Na comunicação visual é importante observar a postura corporal, que pode ser: defensiva ou ofensiva (Figura 3). Na postura corporal defensiva, geralmente o animal se posiciona dessa forma por medo e essa postura pode ter variações, mostrando a cauda, a orelha e o corpo baixos, com ou sem contato visual, com as pálpebras parcialmente fechadas ou o animal se encolhe no chão, com a cabeça entre os ombros, as pupilas apresentam-se dilatadas, as orelhas abaixadas e rodadas lateralmente ou para trás e a cauda por baixo do corpo. Na postura ofensiva o gato tenta parecer maior, estendendo os membros, elevando a bacia, arrepiando os pelos, a cauda fica para baixo, as pupilas dilatadas, as orelhas eretas e contato visual direto (GOMES, 2019).

Figura 3. Postura defensiva (esquerda) x postura ofensiva (direita).

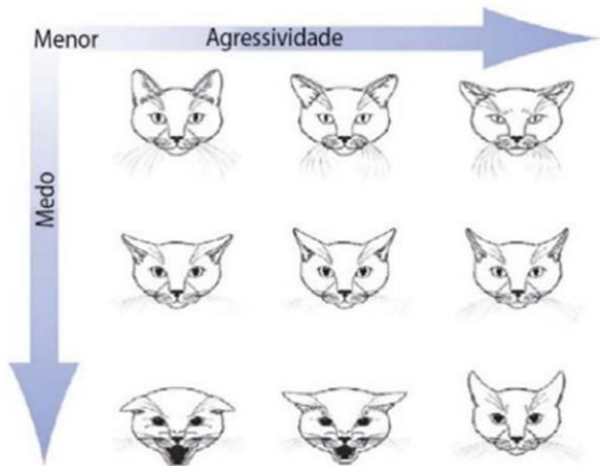


Fonte: Adaptado de Gomes (2019).

Além disso, na comunicação visual também pode-se observar a posição da cauda, sendo chamada de *tail up* quando

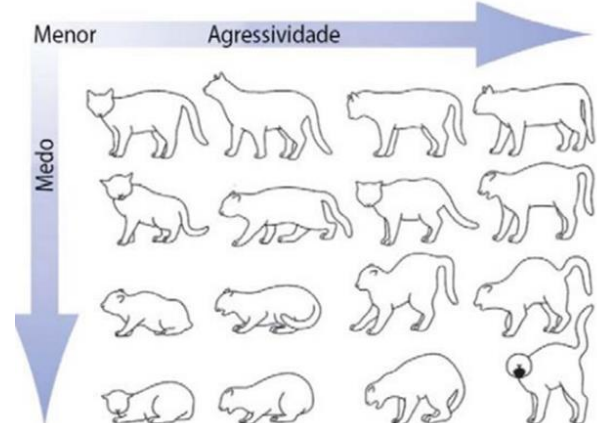
a cauda está elevada na posição vertical, indicando saudação e intenções amigáveis, mas quando a ponta da cauda balança de um lado para o outro, pode indicar interesse, excitação, frustração ou irritação (GOMES, 2019). As Figuras 4 e 5 demonstram as possíveis linguagens corporais dos gatos, baseadas na posição das orelhas, boca, pupilas e posição corporal (AVELAR, 2016).

Figura 4. Expressões faciais do gato.



Fonte: Adaptado de Heleno; Avelar (2016).

Figura 5. Expressões corporais do gato.



Fonte: Adaptado de Heleno; Avelar (2016).

Por fim, os gatos também podem se comunicar de maneira vocal, em forma de murmúrio, com a boca fechada, que corresponde ao ronronar, produzido quando o gato está feliz, com fome, estressado, com dor, dando a luz e até mesmo morrendo. Além disso, pode apresentar uma forma de padrão vocal, com a boca aberta que se fecha gradualmente, correspon-

dendo a um miado, sendo emitido em diversas situações e, no geral, está relacionado ao cumprimento, ao chamado da fêmea e do macho para acasalamento. O gato também pode se comunicar por padrões de intensidade forçada, com a boca tensamente aberta, sendo na forma de rosnar com ou sem ranger de dentes e uivar, indicando agressividade, ou em forma de silvo ou cuspir, em forma de defesa (FERMO, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi relatado, pode-se verificar que o conhecimento dos aspectos sobre o comportamento animal e a mensuração de dor, além de outros tópicos, são de extrema importância para auxiliar na avaliação do bem-estar de um animal, uma vez que o comportamento diz muito sobre a maneira com a qual o animal em questão é tratado pelo seu tutor.

REFERÊNCIAS

AMARA, R. Bem-estar de cães e gatos. Cadernos Técnicos de veterinária e zootecnia, nº 67 – Belo Horizonte, MG, 2012.

ARAUJO, D. Abordagem do tema bem-estar dos animais domesticados errantes em alguns cursos de graduação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). 2015. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2015.

BASTOS, C. (Comp.). Bem-estar animal: Respeito e responsabilidades. Cartilha sobre bem-estar animal. Rio de Janeiro, 2018.

BASTOS, C. S. P. Bem-estar animal: Respeito e responsabilidades. Cartilha sobre Bem-estar Animal. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <[https://www.cnpl.org.br/wp-](https://www.cnpl.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-sobre-Bem-Estar-Animal-2020.pdf)

[content/uploads/2020/11/Cartilha-sobre-Bem-Estar-Animal-2020.pdf](https://www.cnpl.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Cartilha-sobre-Bem-Estar-Animal-2020.pdf)>.

BROOM, D. M.; JOHNSON, K. G. Stress and animal welfare, Dordrecht (The Netherlands), Kluwer Academic Publisher, 2000. 211p.

BROOM, D. M.; MOLENTO, C. F. M. Bem-estar animal: Conceito e questões relacionadas – Revisão. Archives of Veterinary Science, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2004.

MALDONADO, N. A. C.; GARCIA, R. C. M. Bem-estar animal. In: Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. Seção C Comportamento e Direito Animal, v. 2, p.2282-87; Jerico MM, Andrade Neto JP, Kogika MM. Ed. Roca, 2015.

CARVALHO, P. C. F.; NUNES, V. F. P; MALDONADO, N. A. C. Aspectos do comportamento felino. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, nº 83 – Belo Horizonte, MG, 2016.

CLARENCE. M. F. editor. Manual Merck de Veterinária: um manual de diagnóstico, tratamento, prevenção e controle de doenças para o veterinário. 7.ed. São Paulo: Roca, 1996.

CUNHA. E. Z. E. Comportamento dos cães. Disponível em: <www.academia.edu.com.br>. Acesso em: 28 de maio de 2021.

DUNCAN, I. J. H. Science-based assessment of animal welfare: farm animals. Rev. sci. tech. Off. Int. Epiz. v. 24, n. 2, p. 483-492, 2005.

FAZZI, M. S. Calming signals em cães de um abrigo na cidade de Florianópolis-SC-Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Zootecnia) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis-SC, 45 f., 2016.

FERMO. J. L. Vocalizações adicionais ao

- miado do gato doméstico frente a situação adversa e positiva. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Medicina Veterinária (Bacharelado e Licenciatura em Medicina Veterinária) – Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Curitiba, 40 f., 2018.
- GOMES. D. M. L. Interação entre gatos coabitantes – A percepção do tutor. Dissertação de Mestrado Integrado em Medicina Veterinária. Universidade de Lisboa, Lisboa, 109 f., 2019.
- HELENO, N. V.; AVELAR. T. A. Manejo do paciente felino. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, n. 82 - Belo Horizonte MG, 2016.
- HORTA. R. S.; FUKUSHIMA, F. B. Avaliação da Nocicepção em Cães e Gatos. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 10, n. 18; p. 487-501, 2014.
- KEELING, L. J.; RUSHEN, J.; DUNCAN, I. J. H. Understanding animal welfare. In: Appleby, M. C.; Mench, J. A.; Olsson, I. A. S.; Hughes, B. O. Animal Welfare. 2nd ed. Wallingford: Cabi, 2011. cap. 2
- MARTINS, L. M.; FLÔR, P. B. Classificação e avaliação da dor em cães e gatos. In: Jericò, M. M.; Neto, J. P. A.; Kogika, M. M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015. cap. 13, p. 410-435.
- MELLOR, D. J.; PATTERSON-KANE, E.; STAFFORD, K. J. The sciences of animal welfare. 2009. 212p.
- SILVEIRA, E. M et al. Comportamento canino. Cadernos técnicos de veterinária e zootecnia, n. 83 – Belo Horizonte, MG, 2016.
- WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION – WSAVA (Canada). Diretrizes para a vacinação de cães e gatos. Journal of Small Animal Practice – JSAP. Vol 57. 2016.
- WORLD SMALL ANIMAL VETERINARY ASSOCIATION – WSAVA (Canada). Diretrizes para o bem-estar animal. Canada, 2018.